

Samuel Dimas

# Regresso ao Paraíso

Estudos sobre a redenção do mundo

# Índice

<b>Nota Prefacial de José Carlos Francisco Pereira</b>	11
--	----

## **Introdução – Regresso ao Paraíso Celestial**

1. Âmbito epistemológico: para uma reflexão filosófica sobre a noção religiosa de «Paraíso»	15
2. A correlação entre transcendência e imanência no «regresso ao Paraíso»	21
3. O «Paraíso» como plenitude da presença escatológica de Deus na História do Mundo	25
4. A corporeidade espiritual da realidade redimida por Deus	29
5. A restauração e a consumação universal do Mundo na glória do Paraíso Celestial	32

## **PARTE I – Visões poéticas e saudosas da beleza eterna do Paraíso**

### **Capítulo I – A saudade da terra do Paraíso na poesia religiosa de António Correia de Oliveira**

1.1. A saudade da terra do Paraíso	38
1.2. A Graça da Criação	42
1.3. A Glória da vida	53
1.4. A Dor da paixão e morte	59
1.5. O regresso ao Paraíso Celestial	65

## **Capítulo II – A estética do mistério e da beleza eterna na filosofia e na poesia de Jaime Cortesão**

2.1. A arte como redenção do mundo ou fuga do mundo?	67
2.2. O fundamento ontológico do Universo é de ordem moral e espiritual	72
2.3. Movimento saudoso do Universo para a Origem ideal do Bem	75
2.4. A escuta do Mistério divino da Vida	78
2.5. A redenção escatológica e a vida paradisíaca de eterna Beleza	82

## **Capítulo III – A estética da redenção escatológica na filosofia de Raul Proença**

3.1. O acordo emotivo da arte como reflexo social e psicológico de um povo	87
3.2. O amor e o sofrimento como fontes da atividade espiritual	91
3.3. A estética da ânsia de Deus e da imortalidade	94
3.4. O <i>retorno</i> como ressurreição pessoal para a vida em Deus e não como regresso à mesma vida terrena	98
3.5. A transcendência de Deus como condição da salvação paradisíaca do homem	102

## **PARTE II – Teorias filosóficas e teológicas sobre a esperança escatológica no Paraíso Celestial**

### **Capítulo IV – Do Paraíso Terreal ao Paraíso Celestial na obra do padre Antônio Vieira: o Juízo Final como condição da salvação e condenação eternas**

4.1. A configuração mítica do real e a consumação do reino de Cristo na terra	108
4.2. A noção milenarista do Quinto Império	114
4.3. A providência divina e a graça da salvação eterna	120

4.4. A realidade escatológica do fim dos tempos	132
4.5. A visão apocalíptica acerca da realidade eterna do paraíso e do inferno	140
4.6. A continuidade entre o Paraíso Terreal e o Paraíso Celestial	152

## **Capítulo V – A justiça de Deus e a imortalidade da alma em frei José de Jesus Maria Mayne**

5.1. O legado da relação entre a fé e a ciência	157
5.2. A verdade da imortalidade fundamenta-se na lei natural e é extraída da razão	159
5.3. A justiça divina: salvação e condenação eternas	160
5.4. A salvação imortal das almas é certificada por razões de conveniência	162
5.5. A demonstração racional da imortalidade da alma apartada do corpo	164
5.6. As almas são distintas da substância divina e não foram criadas antes da existência dos corpos	166

## **Capítulo VI – Da experiência atemática do mistério à teologia filosófica da salvação universal em Álvaro Ribeiro**

6.1. A experiência atemática do Mistério como ponto de partida para a inteligibilidade racional de Deus	169
6.2. A relação entre a Teologia e a Filosofia, a fé e a razão, na conciliação entre a autonomia do Mundo e a presença providencial de Deus	174
6.3. A <i>razão animada</i> , na unidade de sensação, intuição, inteção e emoção, para a relação espiritual com o sobrenatural	180
6.4. A colaboração do homem, pelo pensamento e pela oração, na criação redentora do Mundo	184
6.5. A relação entre a ciência, a filosofia, a ética, a estética e a religião na adesão ao Mistério de Deus e à Graça da Criação	187
6.6. A redenção escatológica: a morte como libertação para a imortalidade do Paraíso através do mistério da ressurreição	193

## **EPÍLOGO – A saudade metafísica do paraíso e a redenção do mundo**

### **Capítulo VII – A restauração do mundo e o regresso ao paraíso em São Paulo de Teixeira de Pascoaes e em São Francisco de Leonardo Coimbra**

7.1. A saudade metafísica do Paraíso	202
7.2. A loucura da Cruz na adesão mística e no labor intelectual e moral de remissão dos pecados em Paulo de Tarso e Francisco de Assis	213
7.3. A Criação como crime e pecado de Deus, cujo desejo de redenção surge do remorso e se realiza, pela saudade da origem, no calvário da penitência	218
7.4. O cristianismo como religião concebida por São Paulo para a reden- ção da criação material na lembrança e desejo de regresso à Origem do Paraíso perdido	222
7.5. A visão franciscana da Vida e do Criador	228
7.6. A <i>visão ginástica</i> sobre a Presença escatológica de Deus no Mundo	232
<b>Origem dos estudos</b>	238

## Nota Prefacial

### O Esquecimento do Paraíso

*Raio! que há aqui qualquer coisa de sobrenatural!  
Pudesse filosofia explicá-lo!  
Hamlet*

Na tábuia central do políptico *O Julgamento Final*, de Rogier Van der Weyden, pertencente ao Hospice de Beaume, podemos encontrar a dualidade conceptual que envolvera a noção de paraíso, assente no simbolismo da espada da justiça por um lado, e do lírio da misericórdia, por outro, não deixando de estar presente uma visão do juízo final enquanto processo judiciário, como ficara consagrado no IV Concílio de Latrão.

Na referida tábuia, encontramos três planos, a saber, o empírio, ou seja, o último círculo dos céus, embebido na pura luz do fogo, no qual surge Cristo majestático, abençoando o mundo com a mão direita e avançando com o pé direito sobre o globo terrestre e, bem assim, o céu sublunar e a Terra, de cujas entranhas ressurgem os mortos cujas almas serão pesadas na balança do arcanjo S. Miguel. A dimensão judiciária, em prejuízo da dimensão escatológica do destino das almas, parece confirmada, num primeiro momento, pela desproporção da figura do arcanjo S. Miguel, de cujas mãos pende uma enorme balança, a qual parece espelhar, com maior ou menor acerto interpretativo, o pessimismo desse inapelável dia da ira e da condenação, encontrando na sentença de Cristo (Mt. 25, 41), escrita em volta da figura do Salvador, a sua legitimidade exegética<sup>1</sup>. Esta visão do juízo final, e a consequente condenação ou redenção dos homens, implica não apenas uma aturada hermenêutica, mas igualmente uma fenomenologia da Revelação e da Vida, ao modo de M. Henry, por exemplo, no âmbito de exigentes relações da teologia com a filosofia, escondida esta última, particularmente em Portugal, sob o véu da poesia.

Sem prejuízo da especificidade e autonomia dos dois domínios epistemológicos, torna-se necessária a consagração desse exame, já tantas vezes feito quanto outras tantas ignorado, mesmo se, não Deus, mas apenas o Homem careça

---

<sup>1</sup> “Tunc dicet et his, qui a sinistris erunt: *discedite a me, meledicti, in ignem aeternum, qui praeparates est diabolo et angelis eius*”. (Então dirá aos que estiverem à sua esquerda: *apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e os seus anjos*”).

de religião. Ficara sancionado na história recente da Teodiceia Portuguesa o inestimável contributo de Pinharanda Gomes, ao reafirmar a importância inultrapassável das relações da teologia e da filosofia no seio da necessária religião, ou seja, da inelutável necessidade de re-ligar o que fora cindido por vontade e arbítrio humanos<sup>2</sup>. Desta cisão nasce o mal ou, ao modo agostiniano, aí podemos encontrar uma ausência do bem, já que segundo o bispo de Hipona o mal não tem, no limite, consistência ontológica. Aliás, fora justamente com a degradação (pecado), a que o homem se sujeitara por vontade própria, iniciada com a frequentemente denominada “queda do Paraíso” (Gn. 3, 4-5), que o Homem perdera a consciência de Deus-em-si, desafinando a sintonia entre Criador e criatura; o filho esquecera o Pai, afastando-se da Vida, isto é, evitando o caminho que conduz à Verdade; ora, é justamente nesse acontecimento que se dá a “queda”, embora esta “queda” interior não signifique, portanto, uma mudança espacial, ou seja, a passagem de um mundo, onde manariam o leite e o mel, para um outro mundo imperfeito, de modo mais ou menos platónico, qual aquele em que nós vivemos.

A imperfeição – a “queda” – dá-se na interioridade do homem, no mais íntimo de si, na sua espiritualidade, fendida pela desobediência inicial, tantas vezes conotada com o roubo pagão do fogo aos deuses por Prometeu, e jamais em Deus, como defende uma respeitável corrente gnóstica portuguesa – a cisão é cósmica, jamais divina, e prejudica a unidade do Logos. Assim, algumas premissas carecem de afirmação: uma realidade é Deus, outra é a ideia de Deus, e outra ainda é o mistério da fé que, sem prejuízo da ideia filosófica e mesmo teológica de Deus, a pode iluminar por dentro, potenciando-lhe a fertilidade.

Se Kant intuía a subtilidade e a importância de não figurar Deus dentro da visão escatológica judaica, tal como vem prescrito no Livro do Êxodo, já a iconografia cristã, assente na valorização do carácter intercessor das imagens, aproxima a inefável presença do Absoluto; porém, quando mal interpretada, ou melhor, quando mal vivida, acaba por gerar uma errada noção de espacialidade e de temporalidade, que não deixou de disseminar, neste aspeto, uma relativa ambiguidade no próprio cristianismo. A possibilidade da figuração de Deus na pintura e na escultura, caucionada teologicamente pelo mistério da Encarnação e pela necessidade de uma Nova Aliança, contribuíra para um excessivo antropomorfismo, acarretando vários problemas exegéticos (suposta descida do Criador ao nível da criatura; a ilusão de uma possível materialidade, entre

---

<sup>2</sup> Cf. Pinharanda Gomes, *Teodiceia Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Livraria Sampedro Editora, 1974, pp. 13-14.

outros), sucessivamente agravados no contexto do desenvolvimento do modelo científico iniciado no século XVII, e consequente visão cientista e materialista cujo auge se verificara na segunda metade do século XIX. A tendência atual de um relativo exclusivismo e de uma progressiva instrumentalização processual do conhecimento à ciência, à técnica, e à tecnologia, parece ser ainda uma inequívoca consequência desse modelo lentamente sedimentado, que suporta a apologia do tecnocosmos que em parte vivemos. Sem prejuízo da visão do Homem como um-ser-para-a-morte, Heidegger cedo reivindica a necessidade de revitalizar a ontologia, revitalização que vem de encontro à fecunda visão do realismo cristão, já que apenas o Ser, uno e único, constitui garantia perene da restauração do Paraíso. O “cuidado” que o filósofo reivindicou para com o ser (*Sein*), como medula da atividade do pensar, parece análogo ao permanente amor que devemos ao Pai do céu, ainda que fora dos estritos limites da pensatividade.

Seja como for, mais do que a uma “queda”, o afastamento do Homem da Vida, aquela a que Cristo exortou (João, 14, 6), parece corresponder a um efetivo esquecimento do Paraíso, cuja lembrança, ou restauração, foi, é e há-de ser possível, pois que nele essa lembrança permanece à espera de ser acordada, constituindo-se verdadeira condição transcendental. Desde o início dos tempos, a que corresponde o horizonte de nihilidade na sábia noologia de Xavier Zubiri, a Vida, incluindo a vida biológica, faz-se todos os dias, correspondendo a dessintonia do Espírito à dessintonia da carne e da matéria. Restaurar o Paraíso, como nos propõem as obras sobre as quais Samuel Dimas exerce neste livro presciente exegese, é urgente, constituindo a arte e a filosofia veículos privilegiados para o cumprimento dessa vocação humana.

A tradição consagrara particularmente a Arte como atividade do Espírito, atividade essa que é anterior e posterior ao próprio objeto em que se materializa, concorrendo, apesar de uma significativa perda da dimensão teleológica da linguagem, para o encontro ou ressorção do Homem no Absoluto, do qual dimana e para o qual se deverá encaminhar, religiosamente, em todos os momentos.

À semelhança de Nietzsche, esse vigoroso profeta da sombra, para quem a redenção do ser se dá, no limite, por via da própria redenção do tempo, recuperando a conceção temporal do eterno retorno, o sentido crístico da História afirma-se também dentro de uma visão kairológica do tempo, superando qualquer sentido meramente cronológico dessa mesma História. Neste sentido, o *eschaton* do cristianismo não pode situar-se no fim dos tempos, já que é e está presente no coração da Vida cristã, situada antes e depois do próprio tempo. Estranho, pois, ao tempo, cronologicamente considerado, o



*eschaton*, ao constituir-se finalidade de toda a existência, revela e encerra em si a verdade, e apenas neste sentido poderá ser visto de modo *apocalíptico*.

A experiência da arte sacra ocidental, da escultura à pintura, da arquitetura à música, poderá ser vista como permanente vigilância, a partir do velamento e da oração, como tentativa de evitar a passagem da lei da vida imortal à lei da morte, como exortava Silvestre Pinheiro Ferreira nos finais do segundo quartel de oitocentos<sup>3</sup>; a experiência estética, neste alcance, é já um modo desse aparecer – um acontecimento redentor do Homem e do mundo, antes, muito antes da suposta vinda do reino de Deus no fim dos tempos. O regresso ao paraíso, para invocar o sugestivo título do livro do velho da montanha, não tem tempo, e não tem espaço – equivale a uma permanente revolução interior, na qual o conhecimento poético desempenha decisivo papel iniciático.

Se, por momentos, voltarmos à referida pintura de van der Weyden, esta visão escatológica parece agora superar a visão judiciária: por um lado, a figura que se encontra no prato direito da balança parece procurar em si mesmo o pecado, o “defeito”, que lhe é “interior”, insinuando a ideia de que a alma se condena a si própria, quando desconhece a verdade revelada na vivência escatológica da Vida; por outro, a balança anuncia igualmente a superação da divisão – tudo retorna ao Uno, refazendo-se a unidade perdida no coração do Homem.

José Carlos Francisco Pereira  
Professor Auxiliar da Faculdade de  
Belas-Artes da Universidade de Lisboa

---

<sup>3</sup> Cf. Silvestre Pinheiro Ferreira, *Da Oração do Christão*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1845, p. 2.